

Editorial

A SORTE DO ÁGATA

A sorte do edifício Ágata, no bairro Anchieta, estava para ser decidida ontem. O edifício está desocupado desde julho do ano passado, quando foi construído um muro de contenção. Na última sexta-feira, esse muro caiu e o Ágata ameaça outros quatro prédios. Seus moradores tiveram de deixar seus apartamentos às pressas, alojando-se num hotel.

Os responsáveis devem resolver se realizam obras tendo em vista estabilizá-lo ou se o edifício deve ser demolido. Tudo vai depender do custo. Por enquanto, o prédio está estável. Mas quem, depois de todos os acontecimentos por que passou, terá segurança de habitá-lo? A cautela recomenda que a melhor solução é mesmo a sua destruição.

Tudo começou quando empresários imobiliários derrubaram uma mangueira de uma área verde para construir um shopping center. No meio da construção, o projeto foi ampliado, prevenindo-se a edificação de duas torres de apartamentos. O aprofundamento das fundações, no entanto, acabou abalando as estruturas do edifício Ágata.

Com a crescente valorização do espaço urbano no país – em Belo Horizonte, o bairro Anchieta é um dos mais atraentes –, constrói-se hoje em qualquer lugar – em quaisquer condições de terreno. Parece que a engenharia nacional tem solução para tudo. Menos para o Ágata, que pode desabar a qualquer momento, como aconteceu, no Rio, com o Palace II, onde morreram oito pessoas e 150 ficaram desabrigadas.

No caso do Ágata, ninguém morreu ainda, mas seus moradores, e os dos edifícios próximos de certo que morreram um pouco com tantos dissabores. Nestas horas, não aparece ninguém que assuma as responsabilidades. Como disse um ex-morador do Ágata, junta-se a falta de responsabilidade do poder econômico com a falta de responsabilidade do poder público.

O problema do Ágata já tem quase um ano. E agora, por causa dessa omissão, não é mais do só do Ágata, mas também dos edifícios Ouro Preto, Mônica, Lenise e Érika.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR Vittorio Medioli
PRESIDENTE Laura Medioli
VICE-PRESIDENTE Luiz Alberto de Castro Tito
DIRETOR EXECUTIVO Teodomiro Braga
DIRETOR FINANCEIRO Marcos de Oliveira e Souza

GERENTE COMERCIAL
Leandro Figueiredo

GERENTE DE TECNOLOGIA
Fábio A. Santos

GERENTE INDUSTRIAL
Guilherme Reis

GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO
Walmir Prado

GERENTE DE MARKETING
Alessandra Soares

GERENTE DE CIRCULAÇÃO
Isabel Santos

EDITORA EXECUTIVA
Lúcia Castro

SECRETÁRIAS DE REDAÇÃO
Michele Borges da Costa
Regiane Marques Sampaio

ADJUNTA DA SECRETARIA DE REDAÇÃO
Aline Reskalla

EDITORES
Primeira Página: Robert Wagner
Opinião: Victor de Almeida
Economia: Karlton Aredes
Política: Carla Kreefft
Magazine: Silvana Mascagna
Fotografia: Leonardo Lara
Brasil/Mundo: Carla Chein
Esportes: Denner Taylor
Cidades: Carla Alves

O.PINIÃO

Duke



www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

A imanência e a transcendência das coisas e da vida no sertão

É, como dizem os rosiólogos, uma paisagem mental perene

De vez em quando, indagam se as crônicas que escrevo são memórias ou ficção. São memórias. Jamais escrevi ficção em qualquer das 419 crônicas publicadas em O TEMPO, incluindo a de hoje. A pergunta tem o poder de me fazer refletir sobre o ofício prazeroso de escrever. Como surge uma crônica? Não sei. Costumo anotar e guardar quando vem à minha mente algo interessante. O assunto aparece, germina, brota e amadurece. Às vezes, demora; às vezes, “encroa” e não sai nada; outras, de uma sentada jorra uma crônica inteirinha. É um processo inexplicável. E assim a vida de escrevinhadora corre.

Adoro escrever sobre a minha meninice. Guardo lembranças calientes. Tive uma infância e adolescência felizes, idílicas até. Tendo sido uma criança venerada, por ser primogênita e primeira neta, nascida de filha única, afilhada dos avós maternos, fui muito mimada, mas educada para ter autonomia. Achar a “Carta de ABC” fascinante e pedi para ir para a escola! Desabrochei muito estudiosa e adorava ler, ler e ler... Foi a sede de saber que fez com que, aos dez anos, fosse “mandada” estudar longe de casa, “lá no Padre Macedo” (Colinas, Maranhão). Não havia mais o que estudar em Graça Aranha. Era 1964.

Desde então, o convívio presencial com a minha família foi apenas nas férias escolares. Saí de casa aos dez anos e nunca mais voltei. Deve haver algo extremamente forte, construído nos dez primeiros anos de minha vida, e suficientemente sólido, que se mantém no campo dos valores morais, do apego à gente e às coisas do sertão, que evidencia que ter vivido ali nos marca para sempre.

Costumo dizer que o sertão que conforta e acaricia o meu viver é, como dizem os rosiólogos, uma paisagem mental perene, que nutre a minha vida e a minha produção literária. Há algo de imanente ao sertão que não nos larga nunca e nos acompanha o tempo todo.

Quando fui a Nova York a primeira vez, era 2005, com mil e uma coisas para ver, eu quis ir à Body Shop, de Anita Roddick, só para mirar os sabonetes de óleo de coco de babaçu, lá do Maranhão, pois sei o que é ser uma quebradeira de coco! E, à beira do lago Michi-

O açude era ponto de encontro das mulheres. Bonito, não é? Mas lembrar disso à beira do lago Michigan tem dimensão transcendental

gan, em Chicago, enquanto minha filha Débora fotografava aquele mundão de água, a imagem que me veio foi do açude de minha terra e das mulheres lavando roupa...

É pra rir, não é? Eu também ri, e muito, só de pensar que, se tivesse me afogado ali, não estava contando a história. Quando tinha oito anos, fui levar almoço para mamãe, que estava lavando roupa no açude. Aproveitando que ela estava distraída no maior papão, eu “tubum!” no açude! E fui nadando rápido, pretendendo chegar a um toco de palmeira, de onde as pessoas adultas davam saltos mortais e “tomavam pé”...

Não sabendo nadar direito, e nem era acostumada a nadar ali, comecei a beber água: subindo e descendo, subindo e descendo... Fui salva por uma das lava-deiras.

Recordo-me de mamãe com um chitinho de fedegoso me batendo, e eu vomitando até as tripas, enquanto dizia: “Pega tua bicicleta e chispa pra casa, menina atentada!” Ah, isso eu era! Mamãe nunca mais lavou roupa no açude. Foi proibida. Papai dizia que ela não precisava, já que tinha lavadeira. Anos depois, perguntei por que ela gostava de lavar roupa no açude. Respondeu que “era um divertimento”.

O açude era um ponto de encontro das mulheres, até daquelas que, de vez em quando, usavam a desculpa de lavar roupa só pelo prazer da muvuca. Bonito, não é? Mas lembrar disso à beira do lago Michigan tem dimensão transcendental.

ACIR GALVÃO

